

«Concorda com a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, se realizada, por opção da mulher, nas primeiras dez semanas, em estabelecimento de saúde legalmente autorizado? Porquê?»

Não! Não é cómodo dizer que não, mas é um dever de consciência fazê-lo atendendo às múltiplas implicações que a pergunta do referendo nos coloca.

Concordo com a despenalização da interrupção da gravidez. Mesmo que, aparentemente, a mulher o faça voluntariamente, tal não passa de uma falácia. Não há uma única mulher que, voluntariamente, interrompa uma gravidez. Fá-lo-á sim por diversos condicionalismos que poderão ser físicos, psíquicos ou mesmo materiais. A mulher é, portanto, tal como o seu filho, uma vítima da sua gravidez e por isso não deve ser também legalmente penalizada. Não deve ser penalizada nem nas primeiras 10 semanas nem depois das 10 semanas. Outros, os que lucram com a sua situação precária e de angústia, é que deveriam ser penalizados. Como acho que a mulher não deve nunca ser penalizada só posso responder não à pergunta que nos é colocada em referendo.

Por outro lado, também não concordo que a decisão tenha que ser só por opção da mulher. Atendendo à fragilidade física e psicológica em que se encontra, é nessa fase, mais do que nunca, necessário ajudá-la e não a abandonar a uma decisão individual, cuja responsabilidade total lhe cai sobre os ombros. Com esta lei, todos nós, incluindo os médicos, “lavamos daí as nossas mãos” pois “foi por opção da mulher”!

Temos assistido nos últimos dias a um debate que não nos tem deixado indiferentes: um pai que tinha negado a filha durante a gravidez da companheira e mesmo após os primeiros meses de vida da criança, vem agora reclamá-la em tribunal, assumindo a paternidade, e pretendendo retirá-la a quem, de facto, a adoptou. Felizmente para a criança, para os pais e para a sociedade em geral, a opção da mulher não foi o aborto. Antes, permitiu que outros, por ela e pelo pai, a acolhessem. Como é que poderemos consentir que na nossa lei, numa hora de extrema fragilidade, uma mulher, sozinha, decida se quer ou não recorrer ao aborto? Não será este o exemplo que todos precisamos para assumirmos o valor da vida e da solidariedade que em nós existe, como o provam as manifestações populares, não numa opção de morte mas sim na luta, mesmo que difícil, pela vida?